

# O NOVO ÊXODO BRASILEIRO

Trabalhadores que migraram para o Sul e o Sudeste hoje tomam o caminho de volta, atraídos pela expansão econômica do Nordeste, do Norte e do Centro-Oeste

» VICTOR MARTINS  
» GUSTAVO HENRIQUE BRAGA  
» ROSA FALCÃO

**O** Eldorado não está mais no Sul e no Sudeste, as regiões mais ricas do Brasil. Nordestinos, nortistas e os que nasceram no cerrado do Centro-Oeste e fugiram da fome em caminhões pau-de-arara entre os anos 1970 e 1990 estão voltando para casa de avião em busca de oportunidades. Nos últimos 20 anos, as peças do xadrez econômico mudaram de tal forma que o desenvolvimento se desconcentrou e, por consequência, o país iniciou um processo de reversão do fluxo migratório.

As cenas da seca com chão rachado e gado morto no pasto foram quase totalmente abandonadas pelas figuras imponentes dos complexos industriais e pela corrida consumista por bens duráveis e serviços. Nas ruas das cidades de menor porte, os jegues foram substituídos pelas motocicletas. Vultosos investimentos em tecnologia possibilitaram às regiões menos desenvolvidas tornarem-se polos exportadores de commodities (produtos básicos com cotação internacional).

São Paulo e Rio de Janeiro ainda têm grande importância econômica, mas Norte, Nordeste e Centro-Oeste são as regiões com as maiores taxas de crescimento. Não à toa, a quantidade de migrantes para a Região Amazônica avan-

çou 58,4% entre 2001 e 2009. O Amapá viu o número de "estrangeiros de nacionalidade brasileira" crescer expressivos 123,7% no período. Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que também Roraima avançou acima da média da Amazônia: 64,2%. A expectativa é de que o estado tenha, nos próximos anos, migração ainda maior com a construção das usinas Jirau e Santo Antônio, que atraem mão de obra de outras localidades.

Nos últimos oito anos, o Nordeste passou a receber migrantes e diminuiu a exportação de pessoas, registrando crescimento de 5,9% na população vinda de outras partes do Brasil. "Essas regiões são a nova fronteira do país", afirma Fábio Romão, analista da LCA Consultoria. Nos cálculos dele, entre 1992 e 2002, o território nordestino perdeu 1,5% dos habitantes ao ano. De 2002 a 2007, a taxa caiu para 0,98%. Em 2009, o ritmo encolheu para 0,85% e, hoje, está próxima de zero. "Estamos diante de um novo Brasil, que se desconcentra economicamente e reduz as desigualdades sociais."

O redesenho dos fluxos migratórios é consequência da robustez do Brasil nos últimos anos, em especial após a estabilização econômica. Se a bandeira verde e amarela ganhou projeção no cenário global, abandonando o mundo subdesenvolvido para flertar com a posição de 4ª potência econômica, a população en-

trou no xadrez e se beneficia da nova ordem mundial. O jogo do poder econômico no país segue, de maneira semelhante, o que ocorre no planeta e o Brasil ganha cara nova.

## Virtuoso

O ponto de ignição que tornou mais aparente essas mudanças foram os 30 milhões de brasileiros que ascenderam à classe média em oito anos. Esse contingente deixou as classes D e E, da base da pirâmide, para se tornar consumidor. Na opinião de especialistas, grande parte estava concentrada no Norte e no Nordeste. Nos cálculos da consultoria Plano CDE, apesar de todos os avanços, a maioria da

população nordestina ainda está na camada social mais baixa: 71% de D e E. Mas a velocidade da mobilidade social mudará esse quadro. "O público D do Nordeste é muito mais otimista em relação ao futuro do que os paulistas na mesma condição", conta Luciana Aguiar, antropóloga e diretora da Plano CDE.

O otimismo é justificado pelo círculo virtuoso em que o país entrou a partir do controle da inflação, da melhora social e da explosão do crédito. "Com a estabilização, veio o acesso a financiamentos, que é uma porta de entrada importante para o consumo", pondera Luciana. "O crédito é estratégico para montar a casa com bens duráveis e ter acesso à educação. São várias as necessidades que dificilmente seriam atendidas com o salário do trabalhador."

A indústria foi para perto desses consumidores para melhor atendê-los. Não só encarou as marcas locais, como passou a contribuir para a geração de emprego e renda. A renda do Norte, Nordeste e Centro-Oeste cresce 12% ao ano, acima da média nacional (9,6%). A parte da população que recebia um salário mínimo passou a ter reajustes superiores à corrosão inflacionária e o Bolsa Família turbinou o consumo. Tamanho poder de compra chamou a atenção de multinacionais, que, sofrendo com mercados estagnados na Europa e nos Estados Unidos, viram nos rincões brasileiros um oásis.

O pau-de-arara que levou milhões para o Sudeste perdeu clientela. As empresas aéreas e os ônibus mais confortáveis são o transporte dos que fazem parte do novo êxodo brasileiro. Valdemir Martins dos Santos, 40 anos, pernambucano do município de São José da Coroa Grande, migrou para São Paulo aos 17 anos em busca de emprego. Chegando lá, fez de tudo para sobreviver, até que se profissionalizou como eletricitista. Um cliente deu a dica: o Estaleiro Atlântico Sul estava selecionando currículos no Porto de Suape, em Per-

nambuco. Santos foi contratado em 2008. Voltou para casa e se orgulha de concluir as instalações elétricas do navio petroleiro João Cândido.

## Sacrifício

O eletricitista faz parte de uma legião de nordestinos que partiu para o Sudeste nos anos 1970 e 1980 sonhando com um futuro melhor. Na época, os empregos pipocavam na construção civil e na indústria automotiva paulista. Os nordestinos fugiam dos empregos precários e dos baixos salários na lavoura da cana. "Sair de Pernambuco, para mim, foi um sacrifício. Quando vai embora, a gente só tem uma coisa na cabeça: ganhar dinheiro para voltar. Falo para a minha filha estudar, pois o futuro está aqui", diz.

Joselma Pereira dos Santos, 35 anos, natural de Vitória de Santo Antão (PE), também fez o caminho de volta. Sete anos atrás, cansada dos bicos como babá e balconista, ela aceitou o convite de uma colega para trabalhar no Rio de Janeiro. Seis meses depois, foi para São Paulo. "Eu tinha a ilusão de que São Paulo era tudo. Fui só com a cara e a coragem", relembra.

Na capital paulista, Joselma foi balconista, auxiliar de escritório, fez cursos de inglês e espanhol, casou e teve um filho. No fim de 2006, em visita a Pernambuco, soube da construção do estaleiro. "Comecei a sonhar, mas achava impossível construir navios", conta. Joselma se especializou como soldadora no curso do Programa de Mobilização da Indústria Nacional de Petróleo e Gás Natural. Hoje, lidera uma equipe de 25 homens como supervisora de material.

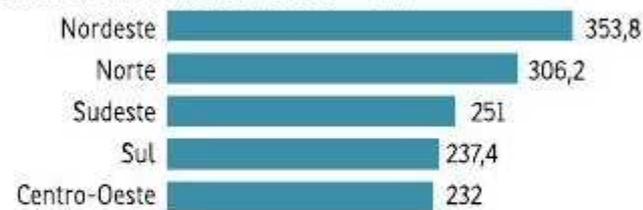


**O electricista Valdemir Martins não quer mais deixar o Nordeste: "O futuro está aqui"**

## Consumo puxa a expansão

Financiamentos para consumidores e empresas explode no Norte e no Nordeste

Expansão do crédito entre 2004 e 2010 Em%



### Crescimento muda de lugar

Vendas em ritmo mais forte no Norte, Nordeste e Centro-Oeste\* Em%



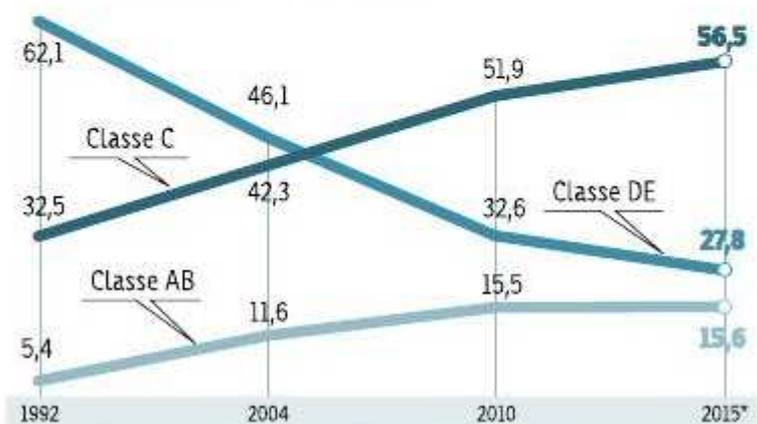
\*Acumulado do ano até outubro

Editoria de Arte/CB/D. A Press

## Mobilidade social

A população migra da pobreza para a classe média

Participação em relação ao total da população, em %



\* Dados projetados Fontes: FGV, IBGE e BC

Editoria de Arte/CB/D. A Press



**Joselma dos Santos se desiludiu com São Paulo e retornou para Pernambuco. Hoje, lidera equipe de 25 homens num estaleiro**

# DO CENTRO AO INTERIOR

Em busca de maiores chances de crescer, trabalhadores estão partindo das grandes cidades e levando, com eles, prosperidade

» GUSTAVO HENRIQUE BRAGA  
» VICTOR MARTINS  
» ROSA FALCÃO

**T**rânsito congestionado, alto custo de vida, poluição e filas fazem parte do dia a dia dos habitantes das grandes metrópoles brasileiras. Cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte estão abarrotadas de gente e são cada vez mais dispendiosas tanto para empresas quanto para quem sonha com uma terra de oportunidades. Nos anos 2000, a dinâmica interna dos fluxos migratórios acompanhou as transformações da nova ordem global. Ao mesmo tempo em que brasileiros retornam de países como Estados

## Desconcentração

A participação da indústria da capital fluminense no Produto Interno Bruto (PIB, soma das riquezas produzidas no país) caiu 9% entre 1999 e 2008. Em São Paulo, a queda foi de 7,4%. O Brasil ingressou de vez em uma nova fase de desenvolvimento econômico, focada na desconcentração populacional e da prosperidade. Em 1970, 15% dos brasileiros viviam em 80 cidades com população entre 100 mil a 500 mil habitantes. Hoje, a proporção subiu para 24% em 233 municípios.

Unidos e Japão, por enxergarem melhores condições de vida aqui, a velha aglomeração de trabalhadores nos grandes centros do Sul e do Sudeste lentamente voltou a se dispersar.

No lugar do nordestino em fuga da seca, os novos migrantes têm alta renda e qualificação profissional. Eles demandam serviços, lazer e comércio de forma a puxar o desenvolvimento da cidade onde se instalam e a criar um ciclo de atração para novos trabalhadores. O Nordeste de hoje não só retém a mão de obra local, mas atrai profissionais de todas as regiões. A previsão é que, só para a Refinaria Abreu e Lima, que será instalada no complexo industrial de Suape, perto de Recife (PE), 20 mil trabalhadores serão contratados durante o pico das obras, em um investimento de US\$ 13 bilhões. Mais 4 mil vagas serão preenchidas pela montadora da Fiat, que abrirá uma fábrica no mesmo polo até 2014.

Situação semelhante à de Pernambuco pode ser observada na Região Norte, mais precisamente em Rondônia, onde a construção das hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau funciona como foco de atração de mão de obra qualificada. No Centro-Oeste, o polo de desenvolvimento gira em torno das atividades do agronegócio, que usa como bases de apoio cidades como Anápolis (GO) e Sinop (MT). "Na era tecnológica e científica, um simples trabalhador da colheita da soja tem de ter noções de inglês e informática para conse-

guir operar as máquinas", comenta Aldo Paviani, professor do departamento de Geografia da Universidade de Brasília (UnB).

A mudança no fluxo migratório ocorre também no movimento das capitais para o interior. No estado de São Paulo, a riqueza de cidades como Ribeirão Preto, Araraquara e Rio Claro atrai empresas e profissionais. Com a saturação da capital paulista, as companhias consideram mais lucrativo em termos de mobilidade e custos de instalação e de mão de obra, ir para as cidades

médias. No Rio de Janeiro, a situação é semelhante.

Localidades como Cabo Frio e Angra dos Reis despontam como focos para atração de investimentos e trabalhadores, devido à exploração de petróleo. "Com a expectativa de dobrar o PIB em 10 anos, a velocidade do mercado de trabalho vai demandar cada vez mais profissionais qualificados. O ambiente é positivo no Brasil todo, mas esse movimento é maior na periferia do que no centro-sul", avalia Valdeci Monteiro, diretor da Ceplan Consultoria.

Bruno Domingos/Reuters - 21/8/08



Plataforma P-51 em Angra dos Reis (RJ): o petróleo é uma das atividades que impulsionam as localidades menores

# China brasileira

Cidades que registraram crescimento expressivo do PIB (Em R\$ milhões)

	1999	2008	%
Rio das Ostras (RJ)	1.119	6.271	460,4
Louveira (SP)	539,7	5.557	929,6
Ipojuca (PE)	1.098	6.250	469,2
São João da Barra (RJ)	420,3	2.686	539
Vinhedo (SP)	843,9	4.441	426,2
Catalão (GO)	408,4	3.348	719,7
Corumbá (MS)	372,8	2.846	663,4
São Francisco do Conde (BA)	3.750	9.002	140
Tucuruí (PA)	496,7	2.591	421,6
São Sebastião (SP)	454,9	4.677	928,1
Rio Verde (GO)	642,7	3.615	462,4

## PIB per capita por município

Os 10 maiores do país (Em R\$ mil)

São Francisco do Conde (BA)	288,3
Porto Real (RJ)	203,5
Triunfo (RS)	181,3
Quissamã (RJ)	177,8
Confins (MG)	177,3
Lavoueira (SP)	171,5
Araporã (MG)	159,4
Campos de Júlio (MT)	128,8
Anchieta (ES)	116,8
Jambeiro (SP)	115,1

## A riqueza migra para o interior

Quanto aumentou ou diminuiu a participação no PIB de cada setor da economia (Em%)

## Agropecuário

Ganhos		Perdas	
Petrolina (PE)	33,3	Açailândia (MA)	33
Balsas (MA)	100	Aguai (SP)	50
Sorriso (MT)	25	Conceição da Barra (ES)	100

## Indústria

Ganhos		Perdas	
Campos dos Goytacazes (RJ)	30,7	São Paulo (SP)	7,4
Parauapebas (PA)	133,3	Rio de Janeiro (RJ)	9
Anchieta (ES)	100	Santo André (SP)	14,2

## Serviços

Ganhos		Perdas	
Vinhedo (SP)	3,27	Barueri (SP)	9
Duque de Caxias (RJ)	5,7	São Paulo (SP)	3,6

## Perfil (R\$ bilhões)

Rio Verde		Recife	
PIB Total	3,6	PIB Total	22,4
Serviços	1,6	Serviços	15,0
Indústria	1,1	Indústria	3,1
Agropecuária	0,44	Agropecuária	9,5

Fonte: IBGE

Editoria de Arte/CB/D. A. Press